

Penso, logo escrevo

Poemas e contos

ELENIR ALVES
ORGANIZADORA

SELO
REVISTA PROJETO AUTOESTIMA

ELENIR ALVES

ORGANIZADORA

Copyright © por Autores

Organização: Elenir Alves

Projeto editorial: Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2021

Patrocínio:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS POEMAS

Introdução, por Ademir Pascale, pág.04
Idiossincrasias, por Alberto dos Anjos Costa, pág. 05
Sara, foi o triunfo, por Augusto Filipe Gonçalves, pág. 14
Sombras, por Elessandra Marisa Ferrari Gazola, pág. 18
O Acordar, por Elessandra Marisa Ferrari Gazola, pág. 20
Palavras em órbita mas sem rumo, por Evelyn Mello, pág. 24
Inferno, por Leila Krüger, pág. 26
As mil partes de uma mulher, por Maria Eduarda Ferrari Gazola, pág. 35
A Chuva e o tempo, por Roberto Schima, pág. 37
Conheça outros títulos da coleção, pág. 42

Organização: Elenir Alves - elenir@cranik.com

Capa, arte e diagramação: Ademir Pascale ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaprojetoautoestima.blogspot.com

www.facebook.com/projetoautoestima

www.instagram.com/revistaprojetoautoestima

INTRODUÇÃO

“Penso, logo escrevo”, organizado pela competente editora Elenir Alves, é uma coletânea de contos e poemas diversos, elaborados por autores que carregam em suas veias a criatividade e o poder da criação, cada um com seu estilo pessoal. São textos que nos fazem sonhar e nos transportar para outras dimensões, um verdadeiro presente para os leitores.

Penso: o que seria da vida dos seres humanos se não fosse a arte? É bom fugir dos problemas pessoais e assistir uma boa série televisiva, visitar exposições de arte e ler boas histórias como as que compõe esse maravilhoso e-book.

Tenho certeza que você viajará sem sair de casa, além de que conhecerá um pouco do universo pessoal de cada autor(a).

Aproveito e deixo um trecho de um conto que já li diversas vezes e em todas elas viajo em suas palavras. Embora a escritora tenha falecido no ano de 1923, o seu texto continua atemporal e impregnado de profundos sentimentos. É estranho, porque o conto é super simples e sem acontecimentos sobrenaturais. É simplesmente o cotidiano de uma pessoa, mas um cotidiano tão bem descrito, que fica marcado:

“Dentro do peito, no entanto; havia ainda aquele ponto brilhante, incandescente, de onde saía uma chuva de pequenas fagulhas. Era quase insuportável. Ela mal tinha coragem de respirar, por medo de atizar aquele fogo ainda mais; contudo, respirava fundo... fundo. Quase não tinha coragem de olhar-se no espelho frio; mas olhou, e ele mostrou-lhe uma mulher radiante, com lábios trêmulos, sorridentes, grandes olhos escuros e um ar de quem está à espera de que alguma coisa divina aconteça. Ela sabia que iria acontecer infalivelmente.”

— Trecho do conto "Bliss", da escritora neozelandesa Katherine Mansfield

Desejo uma ótima leitura!

Ademir Pascale

Escritor



APRESENTAMOS O POEMA

Idiossincrasias

POR ALBERTO DOS ANJOS COSTA

Alberto dos Anjos Costa, é paulistano do bairro da Moóca na cidade de São Paulo/Capital. É Jornalista, Escritor com quatro livros publicados e Bacharel em Direito. Funcionário público concursado pelo Ministério do Trabalho, atualmente exerce a Chefia da Agência em Praia Grande/SP. Mas esses títulos e outros mais não significariam nada se o autor não tivesse em sua essência, aquilo que dignifica e enaltece realmente o ser humano, como a retidão em seu caráter, humildade, equidade, e a vontade de sempre praticar o bem e espargir o amor de seu coração!

Qual o preço que se paga?
Por andarmos apressados;
pelo tempo implacável,
que nos vê sempre estressados,
respeitando o execrável!

Protelamos nossos sonhos,
pela correria em necessidade!
As preocupações nos tiram o sono,
pelo exigir da responsabilidade!

Transferimos para o futuro,
os passeios e diversões!
Esquecemos que neste mundo,
a vida é feita de emoções!

Adiamos para o amanhã,
os desejos da felicidade,
desprezando nosso afã,
num viver que é brevidade!

O tempo é lépido amiúde,
implacável e austero!
Nossas renúncias em atitude,
são açoites muito severos!

Esquecemos de nós,
numa vida em segundo plano!
Nos sentimos sempre a sós;

damos relevância a desenganos!

Vivemos nos reprimindo,
retendo nossos sentimentos!
Vontades nos oprimindo,
cimentando desalentos!

O dinheiro limitado,
investido na sobrevivência;
é o labor assalariado,
no temor da insolvência!

Vivenciamos a mediocridade,
num progresso consumista;
que nos oferece oportunidades,
de pagar a crédito e não a vista!

Abraçamos a modéstia,
na virtude da hombridade!
Dispensamos grandes festas,
em razão da insegurança!

É a vida confrangida,
restringindo nossos anseios!
É a incerteza espargida,
de um porvir sem devaneios!

O medo da inadimplência,
de macular o nosso nome,

faz retrair nossa existência,
pelas obrigações que nos consome!

Resignamos a castigos,
vislumbrando esperanças;
procurando novo sentido,
nas alegrias em lembranças!

Empedernido cáustico sistema,
suprimindo belos prazeres!
Dificuldades financeiras em cena,
deprimindo humildes seres!

Somos produtos de consumo,
numa sociedade competitiva!
Sentimo-nos moribundos,
estando a alma carcomida!

Neuróticos por natureza,
vamos à cata de ilusões!
A hipocrisia é a certeza,
vivenciando decepções!

Nossos sonhos protelados,
vão deixando-nos embrutecidos!
O viver é desalentado,
num trilhar sem lenitivo!

O sorrir que é bálsamo;

que desperta o otimismo,
foi sepultado pelo falso,
do esplendor do capitalismo!

Somos simples marionetes;
manipulados por digressões!
Vamos passar por vários testes;
vamos sentir as disfunções!

Conheceremos cínicas trapaças,
que nos abraçarão em demagogia!
Traições são as desgraças,
recrudescendo nossas fobias!

Seremos prostituídos pela ganância,
alimentando nossas imperfeições!
Aprenderemos que a desconfiança,
é o sedimentar de aflições!

Esqueceremos de nós mesmos,
como seres descartáveis!
Nossa vida, nossos anseios,
serão adiados para posteridade!

Fúnebre pressa alucinada,
criando ansiedades paranoicas!
Sobrevivência desorientada,
por farsantes de retóricas!

Somos escravos alforriados,
por um sistema vil e torpe!
Vivemos sempre angustiados,
estamos jogados à própria sorte!

Do que adianta se dopar,
por comprimidos da dependência!
Esta opção irá mostrar,
o existir da decadência!

Acalentar a depressão,
é como pensar em suicídio!
É caminhar na escuridão,
à espera de um precipício.

Mas, aqui vou lhe reconfortar,
pois, viver não é pessimismo!
Vá vivendo sem reclamar,
pois, você é o idealismo!

Amanhã, é uma nova aurora!
Fenecer a apatia é sabedoria!
O seu sorriso abrirá as portas,
pela motivação, alento, e simpatia!
A sorte! A maravilhosa boa sorte!
Deixará o seu coração em alegria!

Nesta curta passagem,
em que o amor é a esperança!

A bondade não é miragem,
pela fé que nos alcança!

A vida! A sublime vida!
Feita de pulsares de indefinições,
Abraça-nos em afã com venturas e ilusões.
Vitórias e derrotas, neste show em aprendizado,
Deixarão nossos sonhos, quiçá quebrantados!

Não pense na morte pela desesperança,
pense na vida com perseverança!
Faça seu trilhar ser reluzente,
pelas escolhas certas e sapientes!

A total felicidade é utopia,
nessa resignada passagem de ilusões!
Você! Somente você é a garantia,
em aprender com o suplantar das decepções!

Não tenha pífios sentimentos!
Não reverencie a sáfia inveja,
Por quê ?

A inveja é pusilanimidade cega!
Ela é despautério sórdido!
É a covardia que carrega,
o desprezível como sólito!

A inveja é tacanha!

Possui anseios tábidos!
É centrada em artimanhas,
para ofender os mais sábios!

A inveja é catatônica!
É o inescrupuloso de estultos!
Entronizada por sem-vergonhas,
expondo pensamentos escusos!

A inveja é especiosa!
Reles almas em baixeza!
É a mente venenosa!
É a frustração em torpezal!

A inveja é repulsiva!
É a vontade patogênica!
É travo! É nociva!
É a rivalização epidêmica!

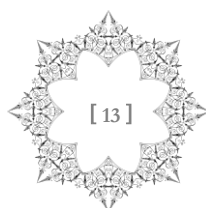
A inveja gera o ódio!
Deseja mal aos outros!
É fétida pelo opróbrio!
É estigma de escrotos!

A inveja é impenitente!
impingindo a insensatez!
É o estertor do insolente,
instigando sua avidez!

A inveja é inferioridade néscia!
Nefanda, lugente e execrável!
Pútrida réu confessa,
que admite o irracionável!
Enfim!
Conquanto!
Nossas intrínsecas imperfeições!
Porquanto!
Em razão de nossas paixões!
Deveras! Uma nefasta fraqueza,
arraigada em nossa essência!
A conclusão com aspereza,
é que a inveja é uma merda!

Porquanto!
Tristezas no coração,
semeiam desventuras,
fornecem a escuridão,
propagam amarguras.

Cintile no seu olhar,
a magia do entusiasmo,
seus desejos irão mostrar,
que a vida é um lindo orgasmo!





APRESENTAMOS O CONTO

Sara, foi o triunfo

POR AUGUSTO FILIPE GONÇALVES

Augusto Filipe Gonçalves, tenho 36 anos, natural de Penafiel (Portugal). Jurista. Licenciado em Direito e Mestre em Ciências Jurídicas Internacionais e Europeias. Autor do Livro: Sofia, A Visão Poético Filosófica Coautor das Antologias: Liberdade; Entre o Sono e o Sonho; Três Quartos de Um Amor; Quarentena, Memórias de Um País Confinado, Enquanto Espero, Antologia de Poesia 2020.

Era uma vez uma rapariga chamada Sara que gostava muito de jogar futebol. Porém, todos a olhavam com alguma estranheza, pois normalmente, quem gosta de futebol são os rapazes.

Sara, anda jogar ao elástico! – chama Ana

Tu jogas bem! – diz Raquel

Eu quero é jogar com os rapazes, sentir a bola no pé, marcar golos. Sim, porque o futebol não é só para rapazes. – diz Sara

Sara vai em direção aos rapazes e diz: Posso jogar?

Pedro, Paulo, Renato, Rui, Sérgio, Samuel e César, olham entrem si.

Bem, isto é um jogo de rapazes, mas tu lá sabes! – diz Pedro

Mas, contando bem, falta-nos um. Estamos sete – diz Paulo

Podes jogar. Ficas na equipa do Sérgio, Samuel e César! – diz Renato

Quer dizer, nós estávamos três, e agora ainda vamos jogar com uma rapariga! – diz César

Sabes jogar futebol? – pergunta Samuel

Sim, normalmente até sou avançada centro! – diz Sara confiante

O quê? Tu a avançada? Até quero ver isso! – comenta Sérgio

Está bem, mas se falhas um golo, vens à baliza e deixas os golos por nossa conta. – diz Samuel

Começa o jogo. Sai a equipa de Rui.

Rui olha para Pedro e diz, vou-lhe fazer um chapéu, ela está tão adiantada, e faz um remate mais alto. Sara, ao ver que ia sofrer golo, começa rapidamente a recuar, sempre com olhos postos na bola e, já na grande área, estica o seu braço, sacudindo a bola com a ponta dos dedos para cima da baliza.

Todos ficaram admirados, com tal elasticidade, reflexos que Sara tinha de modo a desfeitear o golo de Rui que parecia certo.

Fantástico Sara! – diz Sérgio

Como fizeste aquilo? – pergunta Samuel

Oh, foi sorte! – diz César, ainda em dúvida quanto às capacidades de Sara.

Olha, é canto. Cobre o primeiro poste! – diz Sara para César.

Rui bate o canto, César alivia mal a bola, Sara impulsiona-se o máximo possível e agarra a bola firme e segura.

Temos guarda-redes!! – dizem César, Samuel e Sérgio, todos contentes.

Vá César, põe-te na frente já que és o avançado. – diz Sara

Vê lá se me colocas a bola direito! – diz César num misto de alegria e surpresa face às qualidades de Sara.

Sara bate a bola para a frente, César deixa-se antecipar por Paulo. Paulo segura a bola, e ao ver o posicionamento de Rui, tenta fazer o passe. Porém, Sara não contente com as suas defesas, resolve sair da baliza, vai para junto de Rui, antecipa-se a este, recebe a bola de peito, coloca-a no chão, passa por Renato e por Rui, tabela com Samuel, recebe a bola, segue pela ala direita, faz um remate cheio de efeito que só para no fundo das redes.

O que é isto? – diz César

Sofrer um golo de uma rapariga? – comenta Renato

Ela já vai ver! Agora vamos jogar a sério! – diz Paulo

A bola volta ao centro Pedro chama Paulo, Renato e Rui.

É assim, não estávamos à espera disto. A partir de agora, vamos fazer passes mais tensos, que eles nem vão conseguir tocar na bola e a menina, vai perceber que connosco não brinca.

Pedro passa a bola a Paulo. Paulo, começa a correr com a bola controlada do lado de fora do pé, quando de repente, Sara aparece, tira a bola a Paulo que ao perceber que já estava sem bola, atira-se para o chão e reclama falta.

O que se passa? Caíste? – pergunta Sara parando o jogo

Paulo, zangado diz que não, mas estava furioso como é que Sara sem fazer falta, lhe tinha tirado a bola.

Recomeça o jogo.

É lançamento de linha lateral. Paulo tenta colocar a bola em Pedro, mas é intercedido por César. César faz leitura de jogo e vê Sara a pedir-lhe a bola. César apesar de não acreditar que Sara rececionasse a bola, faz um balão e Sara coloca-se no sítio certo. A bola como que parecia ter hímen quando chegava a Sara. Sara segue agora pelo centro, cruza a bola

para Sérgio. Sérgio começa a correr em direção à grande área, e faz a bola pingar de modo a alguém da sua equipa controlasse a bola. César recebe a bola e tenta passar a bola a Sara. Pedro ao ver que a bola ia direita a Sara tenta mandar a bola pela linha de fundo. Sara corre e num último suspiro, consegue apanhar a bola e mesmo com pouco ângulo remata com efeito e faz um golo único.

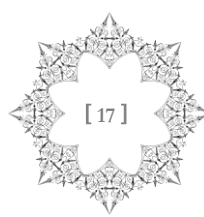
Pedro, Paulo, Renato e Rui falam entre si, e já esgotados pedem para terminar a partida.

Já não dá mais! – dizem em unísono

Está bem, ganhamos!! – dizem César, Sérgio, Samuel e Sara, todos contentes.

César, Sérgio Samuel e Sara foram tomar banho e festejar a vitória.

Quanto a Pedro, Paulo, Renato e Rui, perceberam que não deviam mais subestimar os adversários, pois a vida, por vezes traz surpresas.





APRESENTAMOS O CONTO

Sombrias

POR ELESSANDRA MARISA FERRARI GAZOLA

Elessandra é Professora, Pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia e Gestão Escolar. Durante anos acumulou dentro de si experiências lindas desde a infância, agora seu olhar ficou mais perspicaz e coisas corriqueiras ganham um sentido todo especial no momento em que são transcritos. Emoção e palavras se misturam resultando em textos, contos e poesias. Tem alguns poemas publicados em antologias e o livro infantil " É uma bruxa? ", recém escrito, pronto para publicação.

Um dia típico de verão, com sol iluminando o infinito do céu, pincelado com flocos de nuvens brancas, sendo modeladas com inúmeras formas, como se anjos estivessem brincando de mímica com nossa imaginação.

As árvores enriquecem o cenário e dançam quando o vento repentino vem cumprimentá-las, se curvam, os galhos se cumprimentam no farfalhar das folhas. Algumas folhas chegam a se despedir durante esses movimentos e descansam terra mãe.

No chão tudo parece se duplicar através das sombras...a sombra das árvores, de um pássaro que voa rasteiro, das flores que enobrece a paisagem...sombras...

Ao caminhar por entremeios, também minha sombra surge, replicando o corpo em movimento ou sua inércia.

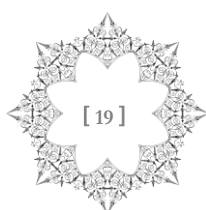
Interessante que na sombra não se reflete meu sentimento, minha alegria, tristeza ou preocupação. Apenas o visível contorno, apenas o foco, apenas um ser e seus movimentos.

O que somos? Seres ou sombras.

Como vemos o próximo? Como seres ou sombras...

Atrás de cada sombra existe alguém que sonha, que sofre, se alegra. Pessoas não são apenas contornos, pelo contrário, dentro desta delimitação existe amor ou carência, alguém perseguida pela sombra, mas querendo ser vista com todas as suas qualidades e defeitos.

Pessoas formadas de realidade e sonhos, não é a sombra que os define, aliás as sombras são apenas respingo de realidade.





APRESENTAMOS O POEMA

O Acordar

POR ELESSANDRA MARISA FERRARI GAZOLA

Elessandra é Professora, Pedagoga, pós-graduada em Psicopedagogia e Gestão Escolar. Durante anos acumulou dentro de si experiências lindas desde a infância, agora seu olhar ficou mais perspicaz e coisas corriqueiras ganham um sentido todo especial no momento em que são transcritos. Emoção e palavras se misturam resultando em textos, contos e poesias. Tem alguns poemas publicados em antologias e o livro infantil " É uma bruxa? ", recém escrito, pronto para publicação.

Abrir os olhos

Quantos significados

Abrir os olhos

Para o novo dia

Vislumbrar as nuances

As cores do amanhecer

Perceber que o relógio cantou

Já deu o sinal que o momento chegou

O acordar pode trazer tantos sentimentos

Junto com o novo dia

Pode vir uma dura realidade

Uma decisão a tomar

Uma opção a analisar

Um adeus a deixar

Um novo começo

Um recomeço...

Abrir as janelas do olhar

Vai além da luminosidade

É amplo

É restrito

É amargo

Doce ou de travessia

Depende do quanto consegue ou

Depende do quanto se quer enxergar

Dentro do querer

Estamos nós todos

Somos passíveis de acordar

Não somente ao amanhecer

Mas acordar

Estar desperto

E se libertar de toda amarra

De tudo que nos sufoca

Dos respingos de escolhas

De nos permitir

Acordar novamente

A cada dia

Sem culpa

Com esperança

Mas com esperança ativa

De acordar e ser capaz de enfrentar

Tudo que a luz nos coloca à prova

Enfim...

Seja o acordar para um novo dia

Seja um acordar para um novo eu

Que tenhamos delicadeza na alma

Que busquemos leveza no coração

E gratidão por nossos "acordares"

Dádiva do criador

Que nos deu o sopro da vida.





APRESENTAMOS O POEMA

Palavras em órbita mas sem rumo

POR EVELYN MELLO

Possui Graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal de São Carlos (2007) e Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011), é Doutora pelo programa de Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e pós-doutoranda pelo Programa de Estudos Literários da Ufscar.

Palavras em órbita mas sem rumo

A ânsia eterna

De registrar

Com precisão

Perfeição

Aquilo que nem vê

Tanta

Dor

E pra quê?

Os corredores

São frios

E cheiram a cimento

Se multiplicam

Sem controle

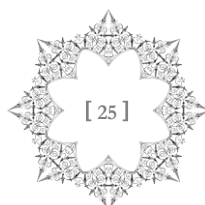
Poeira sem vento

E apesar de você

De você

Eu

Você





APRESENTAMOS O CONTO

Inferno

POR LEILA KRÜGER

Leila Krüger é gaúcha de Ijuí, jornalista, escritora e ghost writer, mestre em Comunicação Social PUCRS. Tem quatro livros publicados por editoras, nos gêneros romance, poema, conto e crônica. Idealizadora do projeto Malalas.com. Site pessoal: Leilakruger.com. Instagram: [@Leilakruger](https://www.instagram.com/Leilakruger).

Não, não é aqui!

A rua tá diferente. Não, não tinha aquele poste com os fios enrolados, a parada de ônibus era à direita, tinha um bar vagabundo com gente suja bebendo dia e noite! Gente suja, sem higiene alguma!

Vou correr e atravessar a rua. Ou volto duas quadras? Me lembro mais ou menos de como era, era perto do *ponto de partida*, quando eu desci do ônibus às oito da manhã... ou foi às nove? Talvez dez. O ônibus cheio de gente sem higiene alguma. Nem toma banho. Espirra, tosse, sem nenhuma proteção. Meu carro no conserto! Uber me deu bolo! Deus me livre!

Mas vou em frente. Porque, me lembro, tinha aquela vaga arvorezinha, quase um arbusto, com ipês amarelos. Argh! Tenho alergia a ipês amarelos! Isso baixa a imunidade, e eu não trouxe o remédio.

Inferno!

Vai em frente, em frente, em frente, há de ser aqui, a memória registra de forma automática um trajeto percorrido de forma contínua. Cadê a catedral?! Eu até quero entrar, me confessar, pedir a extrema unção.

[Tosse.]

Mas pra onde diabos eu tava indo, meu Jesus amado? Era o banco. Era o banco. Qual banco? O Banco do Brasil.

Tem muita gente aqui, credo! Todo mundo sem higiene, sem álcool-gel, as pessoas pararam de se preocupar, as mortes não diminuem, usam máscaras só porque é obrigação e ainda colocam embaixo do nariz! De que adianta?!

Ai, dor no peito. [Segura o peito com as duas mãos.]

Antes do banco, eu vou é em um posto de saúde. Não! Lá tá cheio de gente doente. E se eu pegar outra cepa, uma cepa pior, tipo essa que é 70% mais transmissível, lá de Manaus, ou a cepa de Goiás? Da África do Sul? Inglaterra? Eles estão *fabricando* esse *alien*! Eu pesquisei! É verdade, tem provas irrefutáveis, estudos dos gringos!

Dor no peito. Aperto no peito. Banco do Brasil. Pegar um cheque. Renegociar o cartão de crédito. Quanto era? Cinco dígitos. Meu Deus, essa gravata tá me fazendo

hiperventilar [afrouxa a gravata]. Tá tudo girando. Me sinto fraco, fraco, a velha Lourdes minha tia irmã da minha mãe me disse que tudo começa com cansaço.

Meu Deus!

Inferno!

Tô suando feito um porco. Um porco que vai para o abate. Deve ser da febre. Tá meio frio. Ao menos os ipês amarelos ficaram do outro lado da rua, e o vento gelado não trouxe nada até aqui. Até agora.

E essa máscara, diabo, serve pra quê? Pano! Como é que um pano vai barrar um negócio invisível que matou mais de cem milhões de pessoas no mundo! Isso só os casos identificados. Presumo o dobro, talvez o triplo. O Brasil é o segundo em mortes. Não tem oxigênio. Pobre, se pega, tá lascado. Esse problema não tenho, mas é um inferno conseguir atendimento no plano de saúde!

Vou trocar de plano de saúde. Onde já se viu não cobrir teste do vírus?

Ah! Aí está! Uma agência bancária! Caixa. Não é Banco do Brasil, mas serve. Eu tenho uma conta na Caixa, não tenho? Eu *tenho* uma conta na Caixa! Ó lá, fila. O vírus dançando no ar e tudo tem *fila*! Muita gente. Sem higiene. Sem lavar máscara. Trinta por cento respirando o vírus em máscara de pano, comprada quase de graça. Tocando as coisas sem medo. Suando, espirrando, exalando líquidos potencialmente fatais.

Mas eu tenho de ir ao banco. Caixa serve, deve servir. Aliás, vou pegar meu FGTS guardado do ano passado e... [limpa o suor no rosto e no pescoço] *fazer o teste!* Não que eu tenha alguém pra proteger. Moro sozinho. Sou sozinho. O isolamento não é um grande problema pra mim, até pelo meu trabalho. Mas o inferno são os outros!, como disse Jean-Paul Sartre. O pai do existencialismo não foi Sartre, foi Kierkegaard. Não tem que ser ateu pra ser existencialista.

Deus, me ajuda! [Olha o céu.]

Deus, eu prometo. Se o Senhor me tirar dessa, volto à igreja da minha vó, até canto no coral, só que de adultos, doo dízimo todo mês. E a Luciana, eu prometo, nunca mais vou enganar a Luciana, ela é o amor da minha vida! Não beijo mais *nenhuma* moça na face da terra! Mas me tira dessa!

Meu coração tá apertando. Eu tô tremendo! Deve ser fraqueza. Ai, falta de ar! Tô com febre, só pode ser [toca a testa com a mão]. Minha mão é um termômetro, nunca erro. Vou desmaiar. Quem vai me ajuntar?

Pode ser ataque de ansiedade. Se não me engano, não tomei fluoxetina hoje. Talvez ontem. Nem tenho Rivotril! Aliás, clonazepam, porque não vendem mais Rivotril. E é um filme de terror pra conseguir comprar.

[Tosse.]

Não, não é ansiedade.

Continua, cara. Vai, cara. Não é hipocondria, mãe. Eu tô morrendo!

Ah, [cambaleando] a Caixa Econômica Federal é aqui! Tanto faz! Vou pegar uma grana e ir para o plantão. Eu vou morrer. *Eu vou morrer*, essa frase é cruel. Nada mais importa quando você sabe que vai morrer a qualquer instante.

Eu pago o que eles quiserem, vou fazer o teste. Dez testes. Mas tem os *falsos negativos*. Minha vó Lourdes, ou foi a vizinha da frente, a Genilda que tem sete gatos, sete, no ap, ela me avisou dos falsos negativos. Foi com o irmão dela, que morreu. Morreu, ontem mesmo conversava comigo sobre investimento em um IPO! Falsos negativos. Mesmo com exame de sangue. É. Gente entubada que o exame ainda dá negativo, até que, à beira da morte, ou até depois da morte, dá positivo.

Talvez eu deva me mudar para o Canadá. Lá é melhor, tem neve, é muito frio, o vírus não se prolifera tão facilmente. Tudo o que congela perde a força. Fica estagnado. O Rui foi, nunca mais voltou com a mulher dele. Nunca mais falei com ele. Não deve te pegado o *alien*. Ele disse que lá é uma maravilha. Pra investidores, então...

Ah, a Caixa! Fila! Um, dois, três... Ouvir U2 pode ajudar, mas “Beautiful Day” não ajuda. Falta de ar. Não dá pra respirar. Decerto devo gritar “gente, alguém me ajuda, eu tô com falta de ar e dor no peito, e cansaço, me leva pra UTI!”. Mas ninguém vai se importar. Essa gente não se importa. Nem eu me importo com eles. E eu não consigo gritar, tem um nó.

A Lu.

[Ligo pra ela, ninguém atende, ela está no trabalho e nunca pode atender àquele horário, eu sei.]

A Lu me daria adeus pelo celular na UTI? Viria ao meu funeral? Eu confessaria meus pecados lascivos, nojentos, antes de ir embora. Tô indo embora, eu sinto...

Argh! A maçaneta! Milhares de vírus incrustados aqui! Álcool-gel, por favor. Ao menos é minha vez. Ao menos no caixa. Onde tem mais álcool-gel?! E quem disse que esses álcool-géis são confiáveis, quem me garante que não metem água pra enganar o povo?! E eu esqueci meu álcool-gel em casa. Na maleta só tem papéis. Papéis se contaminam, leva uma semana pra sair. Não tem nem termômetro, nem o negócio pra auscultar o coração, nem o aparelho de oxigenação. Noventa e sete ou noventa e oito tem que ser o mínimo. Devo estar uns noventa. Oitenta.

Não vem ar.

Não vem ar.

Não vem ar.

Inferno!

Moço, não me encosta, por favor, eu vou ao caixa da Caixa. Ah, álcool-gel! Banho de álcool-gel! Nos cotovelos, ficam com essa bobagem de dar abraço com cotovelo. O vírus fica até dez dias na roupa, no papelão, um pouco menos no plástico e no inox. Agora já deve ter uma versão mais resistente.

Mãe, *não é hipocondria!* É sério dessa vez!

E a vacina? Quem está sendo vacinado, não vi ninguém! Coronovac, cura 50% na primeira dose, até lá você pega e não adianta a segunda. Mete a primeira, quem garante que vai ter a próxima? O governo tá comprando outras. E como a gente sabe que não muda o DNA, não implanta microchip, não te deixa doente dependendo de vacinas e remédios o resto da vida? Ah, não me vem com conversinha de médico e comunicado da OMS. A OMS é a menina dos olhos da China. Os Estados Unidos se retiraram. A Coronovac vem da China, o vírus vem da China...

Inferno!

Mãos empapuçadas de álcool-gel. Digitar senha. Que senha? Esqueci a senha! Sem cartão, biometria. Só que as digitais mudam de tempos em tempos, capaz de não reconhecer. Não vai... Ah! Ao menos isso! Hummm... quinhentos reais, chega? O exame, remédios... Uma possível internação, o plano tem de cobrir! A carteira do plano não sai da minha carteira no bolso!

Ivermectina. Não adianta mentir que eu sei que funciona, eu li nos artigos dos Estados Unidos! Onde tem uma farmácia perto?

[Afrouxa mais a gravata, suando como um porco.]

Ah! Ainda bem que farmácias tem em toda parte! Imagina a gente morrendo por aí na rua! Não tem fila! Graças a Deus, não tem fila e tem álcool-gel de maquininha. Eles criam cada vez mais doenças pra criar farmácias e remédios. Não é conspiração, mãe! É verdade!

Ei, moça, me vê três caixas de ivermectina com quatro cada um. Não, oito caixas. Pro caso de precisar mais. É preventivo e curativo, sabe, você deve saber. Azitromicina precisa de receita. Vou tentar com meu psiquiatra. Receita digital. Não é tarja preta.

Moça, tá demorando, quer até meu DNA no cadastro, eu não consigo respirar! Eu tô com febre, vê o suor?! Vou desmaiar. Meu peito dói. Vou morrer! Chama a ambulância, pelo amor de Deus! Meu primo ficou duas semanas intubado! Escapou por sorte, ou Providência divina!

Deus, me perdoa. Viro um santo, mas não me leva! Não plantei árvore, não tive filho, não escrevi um livro! O livro eu até comecei.

[Sai da farmácia com duas sacolas cheias. Inspira alto, com dificuldade. Olha para os lados.]

Não tem ninguém nessa porcaria de rua. Morreu todo mundo de repente, é? Passou furacão da doença? Não tem nem a árvore do ipê amarelo lá longe, a churrascaria *Boi Bom* que eu passei, o ponto de táxi. Chamar *Uber* ou *99* ou sei lá o que vai demorar. Sempre demora pra mim, é azar, e pego uns caras porretas.

Eu tô morrendo. Sabia que isso ia acontecer. Gente que não fuma e não bebe e corre morre, velhinho e gente drogada fica vivo!

Ah! Um táxi! Táxi! [Acena a mão, desesperado. O táxi anda mais alguns metros e faz a volta.]

“Senhor, por favor, me leva para o hospital. Eu tô morrendo...”

[Tosse. Tosse. Tosse.]

Se eu falar de que, ele me larga na rua. Escuta um rock antigo, acho que Dire Straits, “Sultans Of Swing”. Alguma mensagem subliminar? Não consigo entender mais o inglês, não consigo ver nada!

“Senhor, por favor, acelera. Me leva pro próximo hospital!”. Eu vou morrer. Eu não consigo respirar. *Entenden?! EU NÃO CONSIGO RESPIRAR!*

INFERNO!

Com o vizinho do Chico foi assim, tava bem, de repente foi entubado, pneumonia dupla, morreu em dois dias. Trinta e seis anos... trinta e seis... eu tenho trinta e três... Senhor, pisa! Por favor!

O que você tem, ele perguntou.

É coração, jamais vou dizer a verdade. É pior que quem tinha HIV nos anos 1980 e 1990. Deixa ao menos eu dar adeus pra Lu, pra minha mãezinha, tia Lourdes, pro Rogério, meu parça, meu único parça de verdade.

“SENHOR, EU NÃO CONSIGO RESPIRAR, SENHOR! DÁ PRA PISAR FUNDO NO ACELERADOR?!”

O senhor vai ser responsável eternamente por uma morte. Assassinato.

[Hiperventilando, tudo escurecendo...].

“Aaaah! Pisa! Pisa fundo, seu canalha!”

“Calma, senhor Eduardo.”

“Dá pra ele um *mata-leão*, não é bom forçar o coração e o pulmão. Por via das dúvidas.”

“Sim. Eduardo,” – a enfermeira tirou o respirador do meu rosto, com cuidado, olhando em meus olhos – “você vai ter alta hoje à noite.”

“Teve uma melhora surpreendente!”, a voz masculina que falou do calmante. Um médico, naqueles uniformes brancos que parecem de astronauta, com um vidro ou plástico na cara.

“Quê?”

“Sim, sim... Você vai ter alta em algumas horas, Eduardo Studart. Até decorei seu sobrenome”, ela sorriu. “Ouvi falar dos Studart. Sabe, foi um milagre, Eduardo... conseguimos reanimar você. E o foco de pneumonia dupla acabou com o antibiótico. Isso desde a madrugada.”

“Eu... tive uma parada cardíaca? Pneumonia? Dupla?”

“Sim, teve”, o médico de meia-idade de barba meio grisalha se aproximou, de forma fria, ao contrário da enfermeira nova e atenciosa, “mas teve uma melhora inesperada. A gente não entende essa doença, mas não precisa entender quando tudo dá certo”.

Comecei a rir, de forma desenfreada. Como um louco.

Minha mãe ficou fazendo orações por mim com o terço?!

E eu puxo o ar, e o ar vem até minha garganta como um licor de amarula!

[Senta-se na cabeceira da cama.]

Sob quatro pares de olhos. Ao meu redor, outros acamados, doentes, gente que vai morrer. Vou virar o rosto, procurar outros rostos.

“Vocês pisaram no acelerador, então?”, perguntei, os batimentos a 140 no monitor.

[Silêncio. Exceto sirenes de ambulância e vozes distantes em outro mundo.]

“É... dá para se dizer que sim”, disse a enfermeira sorrindo, que, depois fiquei sabendo, chamava-se Naomi e era mãe solteira, muito bonita, longos cabelos em um corpo machucado pela máscara e exaustão, mas ainda sensual. “*Pisamos no acelerador para vencer a corrida. Você venceu, Ayrton Senna!*”

Ayrton Senna! Quem me dera! Mas eu me senti orgulhoso por um instante.

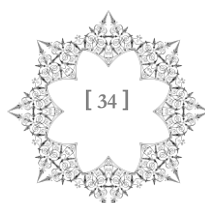
O médico sisudo esboçou um sorriso. Coçou o queixo, intrigado... Fez um sinal com a cabeça para Naomi.

A enfermeira me entregou uma plaquinha de papel plastificado.

EU VENCI O COVID.

Esperei algumas horas, com a plaquinha no colo, li Nietzsche emprestado de um médico, o filósofo em nada acredita a não ser no inatingível super-homem. Super-homem que morre por uma coisinha que ninguém nem vê e dizem que morre com sabão.

Três meses depois, casei-me com a Naomi. Combinamos de ir morar no Canadá, onde o gelo neutraliza a ação do vírus, eu disse. “Neutraliza não”, sei que ela pensou com o olhar, mas Naomi e nossa futura filha Julieta viriam a neutralizar todos os meus males... dos quais o Covid talvez não tenha sido o maior – na alma e no espírito. O vírus é a falta de amar.





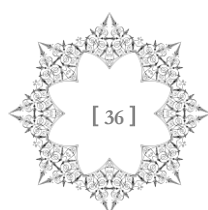
APRESENTAMOS O POEMA

As mil partes de uma mulher

POR MARIA EDUARDA FERRARI GAZOLA

Maria Eduarda é uma estudante, amante de música, de super heróis e romances clichês. Ler se tornou uma atividade indispensável em sua vida: a cada livro aberto e página que se vira, um mundo novo se abre. Do mesmo modo a poesia se tornou importante, sendo uma forma de expressar seus sentimentos.

Mulher, feita de flores e espinhos
Feita de lágrimas e de coragem
Nos seus olhos carrega brilho e dureza
Guerreira por inteira, tem determinação
É o escudo que ampara, o colo que acalenta
Na sua tristeza encontra força
Nas alegrias se revigora
As conquistas são um triunfo
Num mundo que oprime sua aurora
Mas isso só aflora mais e mais
A inquietude existente em seu ser
Que precisa por natureza
Mudar o mundo e ousar tudo
Que seus sonhos almejam ter





APRESENTAMOS O CONTO

A Chuva e o Tempo

POR ROBERTO SCHIMA

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record) pela história "Como a Neve de Maio". Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de mais de sessenta antologias, incluindo "Sonhos Poéticos" (Projeto AutoEstima). Informações: Google. Contato: rschima@bol.com.br

Chovia muito e, nesse dia, não fui trabalhar.

Agora, pensando bem, não me recordo o porquê de haver ficado em meu apartamento.

Fazia frio - disso eu me lembro -, e, através da vidraça, eu podia ver os diferentes matizes de um mundo despojado das cores. Era um mundo dominado pelo cinza que se derramava das nuvens e que tão bem harmonizava com a fealdade dos edifícios, vultos e avenidas - embora "harmonizar" pareça uma palavra terrivelmente inadequada.

Através do aguaceiro que escorria pelo vidro, a mente divagando sem rumo, senti um fisgar da memória. Uma estrofe surgiu-me à mente, vinda diretamente dos tempos de escola, décadas atrás:

*Da úmida terra sob nossos pés,
de onde nossa tristeza padece
é onde abrir-se-á o túmulo que,
pela eternidade, a nós aquece.*

Fora escrito por uma colega no tampo da carteira que ocupava.

Apanhada em flagrante pelo professor, este a expulsara da sala.

Entre cochichos, fofocas e pilhérias, ninguém compreendera a cena, muito menos aquelas palavras. Eu não entendi; o rude professor tampouco. Ainda assim, aqueles versos de uma tragédia sem fim nunca me abandonaram. Ainda hoje, reverberam em meus ouvidos a exemplo de lamentos assombrados num corredor vazio.

Além da morbidez patente, na época tentei compreender o porquê dela haver escrito tais linhas. Aparentava ser uma garota comum, embora solitária em seu canto na sala. Vestia-se de modo a não chamar atenção. Sequer maquiagem usava. Suas notas, em geral, eram boas. Mas isso não a empolgava. Os olhos eram grandes e belos. Dentro deles, existia um brilho indefinível de melancolia que me fazia pensar em Romy Schneider ao som de *La Califfa*. Mesmo nas raras ocasiões em que sorria, percebia-se algo de triste e de contido nesse sorriso, ornamentado por pequenas rugas de resignação.

Ela nunca mais aparecera.

Estávamos apenas na metade do ano letivo.

Confesso que eu levava algum tempo por reparar em sua ausência.

Quero crer que os adolescentes são assim em geral, tão impulsivos, imediatistas, frívolos e insensatos quanto a insegurança que procuram desesperadamente ocultar.

Somente o nome dela ficara em minha lembrança, um nome que eu nunca chegara a pronunciar até esse dia chuvoso:

- Marisa...

Por que isso ocorrera?

Um corredor de tempo nos separava.

Onde ela estaria? O que teria feito da vida?

Guardaria algo em suas recordações daquele tempo?

Teria alcançado a felicidade nem que fosse por um átimo?

Eram questões meramente acadêmicas, eu bem sabia.

O tempo não esperava.

O tempo não sentia.

Ele apenas existia.

Tão imponderável quanto o espesso cobertor de nuvens no céu.

À minha frente, no braço do sofá, o jornal anunciava em uma nota de rodapé:

"Uma mulher, Marisa Rocha Versuiti, 49 anos, é morta pelo marido."

Havia um retrato dela. Apesar da foto desfocada, da impressão ruim no papel, do grisalho em seus cabelos e das inúmeras rugas em seu rosto, eu a reconheci. Os olhos. Percebi que era ela pelos seus olhos: grandes, brilhantes... e tristonhos.

Através de um corredor infundável de tempo, as duas extremidades uniram-se. Perguntei-me por que naquela época eu não fora puxar conversa com ela, por que nunca a chamara para juntar-se ao meu grupo, por que limitara-me a observá-la a distância, a acariciar seus cabelos com o pensamento e a colecionar para mim tantas perguntas sem respostas.

Desviei o olhar do jornal e da vidraça. Virei-me para o apartamento, agora vazio e tão frio como sempre estive. Minha esposa deixara-o no dia anterior, esbravejando sobre o divórcio que havia tempos ameaçara e que, agora, pelo visto, estava prestes a se tornar um caminho sem volta.

Quanta areia escoara na ampulheta desde aquela época:

A sala de aula.

As matérias enfadonhas.

As brincadeiras tolas e ansiosas.

E uma jovem em seu canto, só e infeliz.

Para não dizer que eu era completamente ignorante, escutara certa vez um retalho de conversa onde duas meninas comentavam que o pai de Marisa era um bêbado, habituado a bater na mãe. Eu não levava a sério na época, e, sinceramente, estava mais preocupado em tirar notas o suficiente para passar de ano. Problemas assim eram sisudos e graves demais dentro da realidade frívola em que eu vivia.

No silêncio das quatro paredes da sala, em oposição ao tamborilar da chuva lá fora, perguntei-me sobre o que teria acontecido, caso a minha história e a dela, em vez de terem se deparado com um desvio e cada qual seguido seu caminho, tivessem seguidos juntas em uma única estrada. Teria tido eu, presunçosamente, o poder de trazer mais sorriso aos seus lábios? Poderia ter feito aqueles grandes olhos cintilarem sob o calor do Sol, em vez do frio das estrelas? Teria eu afagado os cachos de seus cabelos? Teria ela me amado?

Conforme mencionei, agora era tudo acadêmico.

Esse tempo não mais existia.

A estrada chegara ao fim.

Toda a areia findara.

E diante daquele olhar congelado no jornal e uma estrada bruscamente interrompida, eu disse a mim próprio em confissão:

- Eu a teria amado.

Não houve eco.

Não houve resposta.

Somente o vazio de um tempo que deixara de ser preenchido.

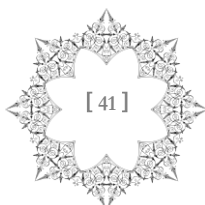
Diante dessa matéria no jornal e de seus antigos versos agora transformados em uma cumprida profecia, um epitáfio, orei para que Marisa fosse finalmente aquecida pela eternidade, longe da fealdade da vida e da frieza do tempo.

Atravessando uma memória distante, a chuva continuou a cair sobre a sombria cidade.

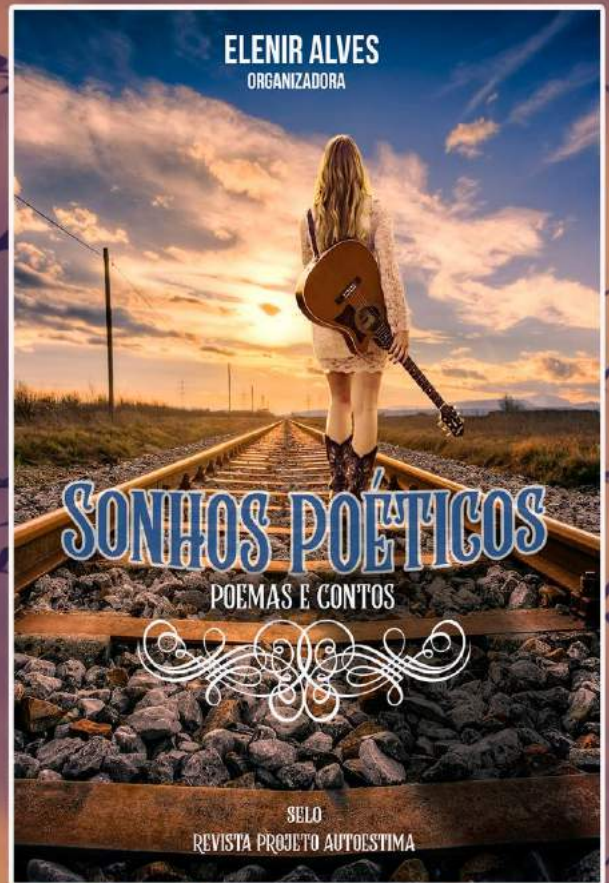
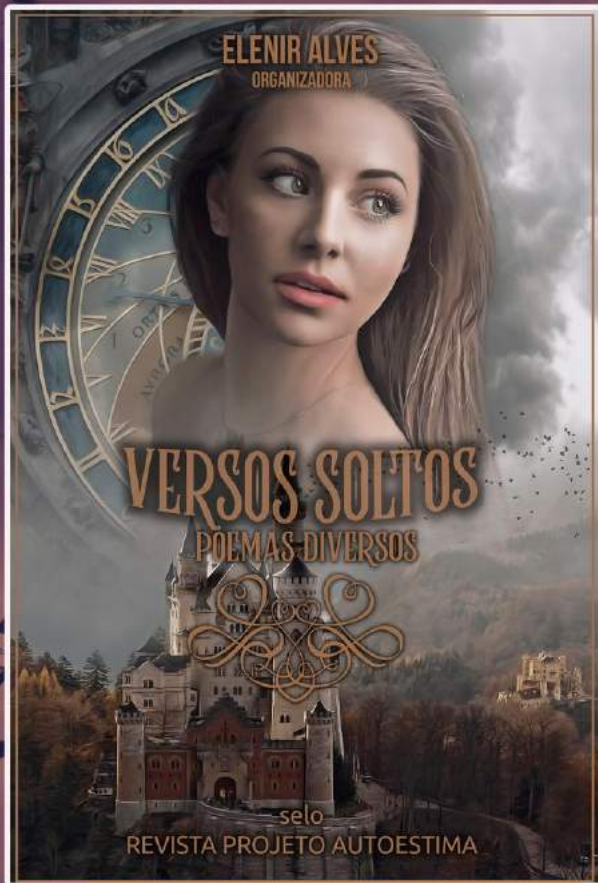
O tempo não esperava.

O tempo não sentia.

Ele apenas existia.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE A CAPA

VISITE: WWW.REVISTAPROJETOAUTOESTIMA.BLOGSPOT.COM

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/PROJETOAUTOESTIMA

WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTAPROJETOAUTOESTIMA

E-MAIL: ELENIR@CRANIK.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI